



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Sónia Patrícia Figueira Gonçalves

Jovens institucionalizados: objetivos e valores de vida

Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Doutora Ana Daniela dos Santos
Cruzinha Soares da Silva**

Índice

1. Introdução.....	6
1.1 O processo de institucionalização	6
1.2 Objetivos de vida.....	8
1.3 Valores de vida.....	10
2. Metodologia	11
2.1 Amostra	11
2.2 Instrumentos	12
2.3 Procedimentos	12
2.3.1 Recolha de dados.....	12
2.3.2 Análise de dados.....	13
3. Resultados	14
3.1 Objetivos de vida.....	14
3.2 Valores de vida.....	16
3.3 Objetivos e valores de vida	17
4. Discussão e conclusão	18
Referências Bibliográficas	21

Agradecimentos

As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo.

(Epicuro)

Desta forma, quero lembrar o ano que passou, agradecendo:

À Dr.^a Ana Daniela Silva, pela orientação deste trabalho, pela disponibilidade, pela compreensão nos momentos de dificuldade, pela paciência e atenção prestadas, pela hospitalidade, por tudo, o meu profundo obrigada.

À Dr.^a Maria do Céu Taveira, pelo entusiasmo com que se dedica à Psicologia da Educação e à investigação, pela disponibilidade, incentivo e apoio sempre prestados, pela hospitalidade, por todas as oportunidades de aprendizagem, obrigada.

Às colegas do grupo de investigação, Ana, Cátia e Íris, pelo conhecimento transmitido, incentivo e apoio, obrigada.

Às colegas Ana Catarina, Isabel e Verónica, pelos momentos de partilha, alegria, tristeza, drama, e sobretudo à amizade e simpatia com que me acolheram, obrigada.

Às instituições e aos seus jovens, sem os quais este trabalho não teria sido possível, agradecendo de forma especial ao Pe. Camilo Neves scj, obrigada.

Às minhas colegas de casa, Anaïs, Elisa e Sandra, pela paciência nos momentos de desespero, partilha de angústias e alegrias, pela amizade e compreensão, obrigada.

Pelos que na distância, sempre se fizeram presentes: André F., André T., Andreia, Antonino, Fabian, Patrícia G., obrigada.

Pelos que foram ânimo no meu percurso académico: Bruna, Cláudio, Cristina, David, Diana, Diogo, Fátima, Ivone, Joana, Liliana, Luciana, Mara, Marco, Patrícia F., Patrícia V., Pedro, Tania, obrigada.

Por fim, agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, que sempre lutaram, mesmo na dificuldade, para que pudesse prosseguir nos meus estudos académicos, muito obrigada.

Jovens institucionalizados: objetivos e valores de vida

Resumo: Este estudo exploratório pretendeu caracterizar objetivos e valores de vida em jovens que vivem em lares de Infância e Juventude. A amostra do estudo foi constituída por 136 jovens, com idades entre os 12 e os 25 anos, 77 rapazes (56,6%) e 59 raparigas (43,4%), provenientes do Norte (67,6%) e Centro (19,1%) de Portugal continental e Ilhas (13,2%). Os dados foram recolhidos através do Protocolo de Avaliação de Percursos de Carreira de Jovens em Lares (PAPCJL; Silva & Taveira, 2011) e do Questionário de Valores Básicos de Vida (QVB; Gouveia, 2003). Em termos de metodologia utilizou-se o *design* misto, analisando-se qualitativamente os objetivos de vida, e quantitativamente os valores de vida. Os resultados revelaram, no que toca aos objetivos de vida, uma forte ênfase no mundo do trabalho (74,6%). Relativamente aos valores, denotou-se que os jovens atribuem grande importância aos mesmos nas suas vidas, evidenciando-se valores como saúde, estabilidade pessoal, sobrevivência, beleza, conhecimento, maturidade, afetividade, convivência e apoio social. Conclui-se que, devido aos objetivos simplistas e focados maioritariamente numa única dimensão da vida, seria pertinente promover a exploração vocacional nesta população específica.

Palavras-chave: Valores, Objetivos, Jovens, Institucionalização.

Institutionalized youth: goals and life values

Abstract: This exploratory study aimed to characterize goals and values of life in young people living in foster care. The study sample consisted of 136 young people, aged between 12 and 25 years, 77 boys (56.6%) and 59 girls (43.4%), from the North (67.6%) and Central (19.1%) of Portugal Continental and Islands (13.2%). Data was collected through the Assessment Protocol Career Paths in Foster Care Youths (PAPCJL; Silva & Taveira, 2011) and Basic Value Life Survey (QVB; Gouveia, 2003). In terms of methodology, was used the mixed design, analyzing qualitatively life goals, and quantitatively values of life. The results showed, in relation to life goals, a strong emphasis on the world of work (74.6%). Values indicated that young people attach great importance to them in their lives, demonstrating values such as health, personal stability, survival, beauty, knowledge, maturity, affectivity, conviviality and social support. It is concluded that due to the simplistic purposes and mostly focused in one dimension of life, it would be appropriate to promote the vocational exploration in this specific population.

Keywords: Values, Goals, Young, Institutionalization.

1. Introdução

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento, que ocorre desde a puberdade até à idade adulta, onde as alterações psicobiológicas se iniciam até à idade em que o sujeito, já tendo estabelecido uma identidade, integra todo um sistema de valores e crenças (Sampaio, 2001). As experiências no ambiente familiar têm sido vistas como importantes no desenvolvimento do bem-estar das crianças e jovens, existindo evidência de que o ambiente desempenha um papel importante no processo de adaptação e desenvolvimento dos mesmos (Cruz & Lima, 2012; Pacheco, 2010). Este período tem inerente uma procura interior por parte dos jovens, onde se começa a criar objetivos de vida, no entanto, atualmente vive-se numa sociedade onde se observa uma maior tendência para a falta de sentido, vazio e carência de valores de vida humanos (Oliveira, 2004). Para alguns deles, como os jovens institucionalizados, este processo de procura de si próprio, no sentido de definir-se e orientar a sua vida futura durante a adolescência pode desenvolver-se de forma diferente. A segurança, a comida ou o apoio são aquisições dadas como garantidas, mas nem sempre existem nas famílias de forma permanente (Geldard, 2009). Neste sentido, o estudo de Henriques (2008) mostra existirem diferenças significativas entre adolescentes institucionalizados e não institucionalizados no que toca aos objetivos de vida, sendo que estes revelam ter objetivos menores em comparação com os jovens fora do regime institucional, cujos objetivos são mais elevados.

A realização deste estudo prende-se, em primeiro lugar, com o interesse pessoal relativamente à temática dos valores, uma vez que são princípios guia na vida dos indivíduos, sobretudo para a faixa etária jovem que começa a delinear objetivos, podendo estes ser influenciados pela carga de valores que em si transportam. Por fim, denota-se a falta de estudos que abordem objetivos e valores de vida, sobretudo em populações específicas como é o caso dos jovens que vivem em lares de infância e juventude.

Neste sentido, esta introdução teórica pretende abordar questões acerca do processo de institucionalização de jovens, bem como uma das teorias explicativas dos objetivos de vida, de Deci & Ryan, concluindo com uma breve abordagem sobre as teorias dos valores de vida, dando ênfase à teoria funcionalista dos valores de Valdiney Gouveia utilizada neste estudo.

1.1 O processo de institucionalização

Existem jovens que têm experiências familiares menos positivas como o álcool, droga, negligência parental, abuso físico, sexual e emocional, tornando-se jovens em risco para os quais existe o apoio institucional (Geldard, 2009; Antunes, 2011). Um estudo português de 2013 sobre o funcionamento posterior de crianças vítimas de maus tratos sugere que, quando

a decisão é manter a criança em casa, as famílias mostram limitações a quando da aplicação das regras após a intervenção do serviço de proteção de crianças. Por outro lado, quando a decisão é retirar a criança de casa, os resultados mostram que os profissionais têm que se focar em proteger os jovens de se envolverem em atos perigosos e destrutivos (Pinto & Maia, 2013).

Em 2008, em Portugal foi criada a lei nº 147/99, onde consta o regulamento sobre o acolhimento familiar para crianças e jovens, apoio para a autonomia de vida, apoio junto dos pais ou junto de outro familiar e confiança à pessoa idónea, medidas estas de promoção e proteção destes jovens (Pacheco, 2010). A entrada para um lar, pode ser voluntária ou involuntária e as razões para o acolhimento podem ser de ordem judicial, devido a abuso ou negligência por parte de familiares, abuso de substâncias onde os jovens necessitam de supervisão de alguém fora do núcleo familiar, dificuldades financeiras extremas ou por problemas médicos e emocionais graves na família (Meese, 2010). Independentemente do motivo, Fernandes & Silva (1996) referem que os lares de infância e juventude (LIJ) são respostas sociais à necessidade de acolher estas crianças e jovens, tendo como objetivo satisfazer as suas necessidades básicas e promover a sua reintegração na família e na comunidade, facultando meios que possibilitem a sua valorização pessoal, social e profissional. Contudo, o processo de entrada numa instituição não é fácil, sendo uma experiência marcada por sentimentos de tristeza, angústia e medo. Apesar disso, após um período de adaptação inicial, as crianças mostram uma atitude positiva em relação à vida na instituição (Carvalho & Manita, 2010). Segundo estes autores, apesar dos jovens se sentirem bem na instituição, isso não afasta o seu desejo de voltar para a família, assim como adquirirem maior autonomia e liberdade. No entanto, têm a consciência que voltar a casa requer a existência de condições adequadas ao seu desenvolvimento, reconhecendo desta forma que a instituição tem um papel importante na sua qualidade de vida. A existência de experiências adversas na infância aumenta a vulnerabilidade a comportamentos de risco (Smith, 2011). Esta população é caracterizada por problemas de comportamento, toxicodependência, deficiência física e problemas de saúde e debilidade mental. Estes são apontados, segundo o Instituto de Segurança Social de 2010 como as problemáticas que encontram a sua expressão máxima na faixa etária dos 12-21 anos. O comportamento antissocial é também referido nestes jovens, levando a baixos níveis educacionais, ao desemprego e à incapacidade em manter relações pessoais, explicando o Instituto que estas crianças e jovens, a par das situações de maus tratos psicológicos e físicos a que foram expostos, manifestam através de comportamentos antissociais o seu mal-estar. Perante estes

factos, os jovens desenvolvem estratégias de defesa para lidar com a desvalorização de que são alvo. Algumas delas podem já ter sido criadas em criança, de forma a lidar com as situações difíceis pelas quais passaram. Estes mecanismos de defesa servem para proteger o jovem, podendo no entanto ter efeitos opostos no que toca a relacionamentos e apoios sociais. Esconder-se por detrás do estado “jovem institucionalizado” leva ao distanciamento dos outros, a fim de evitar investir em relações significativas, mantendo relações superficiais pelo medo de perdas futuras (Kools, 2007). Apesar disso, ao longo da permanência na instituição, a presença de pessoas adultas significativas é muito valorizada por esta população: professores, os pares, funcionários da escola, e sobretudo os funcionários da instituição onde vivem, como auxiliares, monitores, cuidadores e técnicos (Real, 2010). Um outro estudo mostra de igual forma que os adolescentes institucionalizados consideram os adultos, familiares ou membros da instituição como principal fonte de apoio, apesar da importância que os pares têm nesta etapa das suas vidas (Siqueira, Dalbosco & Aglio, 2006). As relações com adultos não-parentais representam uma fonte de apoio marcante para os jovens em lar, importante no alcance dos objetivos por eles traçados, sejam eles a nível emocional, académico ou social (Ahrens et al., 2011, Wentzel, 2002).

1.2 Objetivos de vida

A Teoria Sócio Cognitiva da Carreira (Lent, Brown & Hackett, 1994) tem dedicado parte do seu estudo à questão dos objetivos, tendo uma contribuição potencial na explicação do desenvolvimento da carreira. Segundo esta teoria, os objetivos têm um papel importante na auto regulação do comportamento. Apesar da história pessoal e do contexto ajudarem a moldar o sujeito, as pessoas não são máquinas prontas a responder a estímulos. Estabelecendo objetivos, os sujeitos organizam e guiam o seu comportamento de forma a mantê-lo durante longos períodos de tempo, mesmo na ausência de reforço externo, e para aumentar a probabilidade de que os resultados desejados sejam alcançados (Bandura, 1989). Segundo esta teoria, um objetivo é a intenção em se envolver numa atividade de forma a ter resultados no futuro. Os objetivos conseguem alcançar a sua qualidade de auto motivação, ligando a auto satisfação do sujeito ao cumprimento do objetivo e ao comportamento que atende aos padrões estabelecidos internamente (Bandura, 1989).

O estudo dos objetivos de vida surge muitas vezes associado ao bem-estar. Os resultados de um estudo sugerem que, para melhorar o bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino médio, uma combinação de satisfação das necessidades e determinação de objetivos de vida nos adolescentes, é essencial (Eryilmaz, 2011). Quando os indivíduos estabelecem metas a

realizar, os seus níveis de bem-estar subjetivo melhoram, e quando não têm objetivos, podem desenvolver maior patologia (Emmons 1999, cit in Eryilmaz, 2011). A revisão da literatura de Massey, Gebhardt, & Garnefski (2008) quanto aos objetivos, destaca claramente esta ideia, referindo que tanto o conteúdo como o processo da formação de objetivos estão fortemente relacionados com uma variedade de fatores pessoais, sociais e ambientais, ligados a comportamentos e a bem-estar geral (de risco).

A teoria da autodeterminação (SDT; Deci & Ryan, 2008) é uma das teorias que aborda a temática dos objetivos. É uma macro teoria da motivação humana que aborda questões como o desenvolvimento da personalidade, objetivos de vida e aspirações, o impacto dos ambientes sociais sobre a motivação, o afeto, o comportamento e o bem-estar. Surge em meados da década de 1980, embora tenha sido na última década que sofreu um grande avanço em termos de investigação (Deci & Ryan, 2008). Segundo esta teoria, os objetivos podem dividir-se em duas categorias: aspirações ou objetivos de vida, aspirações intrínsecas e extrínsecas. As aspirações intrínsecas são inerentemente satisfatórias de prosseguir, porque são suscetíveis de satisfazer necessidades psicológicas como afiliação, generatividade, desenvolvimento pessoal, sentimento de comunidade e de aptidão física. Quando os sujeitos seguem este tipo de objetivos, ao longo da vida têm experiências que satisfazem as suas necessidades e o que contribui para a sua felicidade e bem-estar. As aspirações extrínsecas estão focadas na obtenção de recompensas e na avaliação positiva por parte dos outros. Tais objetivos geralmente refletem um sentimento de insegurança sobre si próprio, e incluem objetivos como riqueza, fama, atratividade, sucesso financeiro e popularidade (Kasser & Ryan, 1993, 1996). Alguns estudos têm revelado que uma ênfase em objetivos intrínsecos, em relação aos objetivos extrínsecos, está associada a uma melhor saúde, bem-estar e desempenho (Vansteenkiste et al., 2004; Schmuck, Kasser, & Ryan, 1999), e que perseguir objetivos com conteúdo fortemente extrínseco (por exemplo, riqueza, imagem e fama) tende a estar associado a uma pior saúde mental do que perseguir objetivos intrínsecos (por exemplo, as relações, o crescimento, a comunidade e a saúde) (Vansteenkiste et al., 2004). Segundo Lent, Brown & Hackett (1994) os resultados das expectativas dos sujeitos englobam valores. Estar interessado numa atividade académica ou ao nível da carreira depende, em parte, dos resultados que são esperados como resultado da participação na atividade, juntamente com o valor ou importância destes resultados para o indivíduo. A interação e observação de familiares, professores, os pares, os média, outros significativos, instituições culturais e religiosas, são grande parte do contexto da transmissão de valores e padrões pessoais de

comportamento. Neste sentido, é importante abordar a temática dos valores de vida, que podem ter alguma influência na construção de objetivos de vida na adolescência.

1.3 Valores de vida

O tema dos valores humanos na Psicologia tem as suas raízes no início do século XX, com os primeiros estudos sobre a teoria social de Thomas & Znaniecki (1918), onde definiram valor social como qualquer dado que possua um conteúdo empírico acessível aos membros de algum grupo social e um significado em relação ao que é ou pode ser um objeto de atividade. Seguiram-se diversos autores, entre Maslow (1954), Morris (1956), Rokeach (1973) e Schwartz (1999) que deram o seu importante contributo nesta área de estudo. Valdiney Gouveia, nos últimos anos, destacou-se nesta temática com a sua teoria dos valores básicos de vida, propondo uma teoria funcional dos valores com base em algumas teorias supra referidas, que será utilizada neste estudo (Gouveia, 2003; Formiga & Gouveia, 2008; Gouveia et al, 2009). O autor defende que os valores humanos podem ser explicados com base nas funções que possuem, abrangendo quatro principais suposições teóricas: os valores possuem uma base motivacional; os indivíduos têm uma natureza benevolente ou positiva; os valores são princípios-guia individuais que servem como padrões de orientação para os comportamentos dos sujeitos e apenas são considerados os valores terminais, por serem em menor número e de fácil conceitualização. Deste modo, Gouveia identifica duas funções principais: tipo de orientação (pessoal, central e social) e tipo de motivador, podendo este ser materialista (revela ideias práticas de interesse imediato) ou humanitário (baseia-se em princípios e ideias abstratas). Cada tipo de orientador engloba três subfunções: valores pessoais (experimentação e realização), valores centrais (existência e suprapessoal) e valores sociais (interacional e normativo). Pessoas que se guiam por valores sociais possuem um foco interpessoal ou dão prioridade à vida em sociedade, e as que se guiam por valores pessoais são mais egocêntricas, tendo um foco mais intrapessoal. Por outro lado, cada tipo de motivador concentra três subfunções: materialista (existência, realização e normativa) e humanitário (suprapessoal, experimentação e interacional). Desta forma, os valores podem ser agrupados de acordo com um esquema 3 (tipo de orientação) x 2 (tipo de motivador) (hipótese de estrutura), resultando em seis subfunções psicossociais dos valores humanos: experimentação, realização, interação, normativa, existência e suprapessoal (hipótese de conteúdo). Os valores que integram a experimentação favorecem a promoção de mudança e representam a necessidade fisiológica de satisfação e o princípio do prazer, sendo valores típicos dos jovens (emoção, prazer e sexualidade). As pessoas que priorizam valores da subfunção realização, enfatizam

realizações materiais e a busca pelo poder, sendo valores presentes em jovens adultos em fase produtiva (êxito, poder e prestígio). Os valores da subfunção interativa fundamentam-se no interesse por sentir afeto e no estabelecimento e manutenção de relações interpessoais por parte do indivíduo, representando as necessidades de pertença, amor e afiliação (afetividade, apoio social e convivência). A subfunção normativa enfatiza a vida social, os comportamentos socialmente corretos e o respeito por símbolos e padrões culturais ao longo do tempo. Indivíduos mais velhos seguem, tipicamente, os valores desta subfunção (obediência, religiosidade e tradição). A subfunção existência, reúne valores que se caracterizam por expressar uma preocupação em assegurar as condições básicas de sobrevivência biológica e psicológica, sendo valores inerentes a indivíduos em contexto de pobreza (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência). Os seres humanos que possuem uma necessidade biológica de informação (curiosidade), que os conduz a uma melhor compreensão e domínio do mundo físico e social defendem valores da subfunção suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade) (Gouveia 2003; Gouveia et al., 2008; Gouveia, 2009; Gouveia et al., 2010). O Questionário de Valores Básicos de Vida, resultante desta teoria, tem sido aplicado em diversos estudos, incluindo crianças, sendo um instrumento psicometricamente adequado que poderá ser usado em pesquisas futuras para estudar os valores infantis (Gouveia et al., 2011). Diante do exposto e visando contribuir para ampliação do conhecimento sobre os valores e objetivos de vida de jovens institucionalizados, o presente trabalho tem como objetivo geral a caracterização de valores e objetivos de vida em jovens que vivem em lares de Infância e Juventude. De forma mais precisa, os objetivos específicos do estudo são:

- a) Caracterizar o conteúdo dos objetivos de vida dos jovens que vivem em lares de infância e juventude.
- b) Verificar através de subescalas de valores, que tipo de valores estes jovens possuem.
- c) Verificar se para cada categoria de objetivos de vida existe um conjunto de valores mais saliente.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Relativamente ao método de recolha da amostra utilizou-se a amostragem intencional uma vez que se fez uma escolha prévia dos sujeitos a ser observados para que fossem representativos do fenómeno em estudo. A amostra recolhida é constituída por 136 jovens que vivem em lares de infância e juventude, com idades entre os 12 e os 25 anos ($M = 16,23$; $DP = 2,18$). Do total da amostra, 77 são rapazes (56,6%) e 59 são raparigas (43,4%). O nível de

escolaridade compreende 64 alunos do ensino básico (47,1%), 62 alunos do ensino secundário (45,6%) e 3 alunos do ensino superior (2,2%). A recolha de dados foi efetuada em lares de infância e juventude do Norte (67,6%) e Centro (19,1%), de Portugal continental e Ilhas (13,2%).

2.2. Instrumentos

Neste estudo foram utilizados dados recolhidos através do Protocolo de Avaliação de Percursos de Carreira de Jovens em Lares (PAPCJL), construído especificamente para a investigação dos Percursos de Carreira de Jovens em Lares (Silva & Taveira, 2011). Para avaliar os objetivos que os jovens em lares têm relativamente ao futuro, foi utilizada a questão 14 do protocolo “Quais são os seus objetivos, quando terminar os estudos? Isto é, o que gostaria de fazer depois de terminar os estudos?” da parte II do protocolo intitulada Vida Escolar e Aspirações de Carreira. Os valores de vida foram avaliados através do Questionário dos Valores Básicos (QVB; Gouveia, 2003). Este instrumento é composto por 18 itens ou valores específicos, avaliando seis subfunções valorativas: existência, realização, normativa, suprapessoal, interacional e experimentação. Os participantes são solicitados a indicar o grau de importância que cada um dos valores tem como um princípio-guia na sua vida, utilizando uma escala de resposta likert de sete pontos, em que 1 é “Totalmente não importante” e 7 é “Extremamente importante”. No que respeita à cotação do instrumento, calculou-se cada subescala fazendo a média do conjunto de valores pertencentes a cada subfunção valorativa. Verificam-se evidências de validade fatorial e consistência interna deste instrumento, em contexto brasileiro (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2009) e português (Marques, Silva, Taveira, Mota & Gouveia, 2012). Além destes países, o estudo de Medeiros (2011) mostra existir igualmente evidência empírica da adequação do instrumento em 11 países: Alemanha, Espanha, Israel, Peru, Inglaterra, Nova Zelândia, Argentina, Filipinas, Colômbia, Honduras e México.

2.3. Procedimentos

2.3.1. Recolha de dados

Foram feitos pedidos a várias instituições no país de forma a obter autorização para a aplicação do protocolo (PAPCJL), no âmbito do projeto de investigação mais amplo “Percursos de carreira de jovens em lares de infância e juventude”. A administração foi feita em contexto de grupo, com preenchimento individual, tendo a duração variado entre 50 a 70 minutos.

2.3.2. Análise de dados

No que respeita ao *design* de investigação optou-se pelo *design* misto, permitindo simultaneamente adquirir uma compreensão mais profunda do fenómeno em estudo e generalizar os dados a uma população específica, enfatizando ambas as abordagens, qualitativa e quantitativa. Após a inserção dos dados recolhidos, numa base de dados no programa IBM SPSS Statistics, versão 20, realizaram-se análises para cada uma das variáveis do estudo. Relativamente aos objetivos de vida, realizou-se uma análise de conteúdo, ou seja, utilizou-se uma técnica que procura reunir num conjunto de categorias de significação, o conteúdo manifesto presente nas respostas dos participantes, através de um processo inferencial (Amado, 2000). A análise realizou-se segundo o modelo de Bardin (1997), envolvendo três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados. A primeira fase disse respeito à leitura flutuante, através da qual foi possível analisar as respostas e avaliar a quantidade e o tipo de conteúdo das mesmas. Todos os elementos foram tidos em consideração, sem exclusão de nenhum elemento. Como se trata de um estudo exploratório cujo objetivo é estudar um tema que não foi abordado antes, não foi colocada nenhuma hipótese de investigação. O *corpus* da análise disse respeito à questão “Quais são os seus objetivos, quando terminar os estudos? Isto é, o que gostaria de fazer depois de terminar os estudos?” que permitiu estabelecer como objetivo a análise das conceções que os jovens têm acerca dos objetivos de vida. A fase de exploração contou com o recorte do texto bruto, através do qual surgiram as unidades de registo – respostas dos participantes, uma vez que a grande parte das mesmas eram respostas sucintas, não sendo possível definir uma palavra ou tema – e as unidades de contexto, constituídas pelas categorias formadas posteriormente à enumeração. Esta foi efetuada através da regra da frequência, onde a importância da unidade de registo aumentava com a frequência da sua aparição. Após esta análise, emergiram categorias de significado que possibilitaram a agregação e classificação das unidades de análise. Por fim, fez-se o tratamento dos dados através de análises disponíveis no programa informático IBM SPSS Statistics, versão 20. A análise quantitativa dos valores realizou-se no mesmo programa, através de análises de frequências e descritivas. Para verificar se existiam diferenças significativas entre rapazes e raparigas no que toca a cada uma das variáveis do estudo, realizou-se o teste de Qui-Quadrado para os objetivos de vida, e o teste T para amostras independentes, para os valores de vida. De forma a verificar se para cada categoria de objetivos existia um conjunto de valores que se evidencia-se, realizou-se uma análise

descritiva das subescalas de valores mencionando a média e o desvio padrão em cada grupo de indivíduos correspondente às seis categorias de objetivos identificadas na análise de conteúdo.

3. Resultados

A análise de resultados divide-se em três partes. A primeira centra-se na análise de conteúdo dos objetivos através das categorias criadas, seguidamente a análise quantitativa das subescalas dos valores de vida e por fim a análise dos valores médios dos valores de vida em cada tipo de objetivos encontrados, no sentido de explorar que valores podem estar associados a determinados objetivos.

3.1 A primeira etapa dos resultados contempla a análise de conteúdo realizada com as respostas dos participantes relativamente aos seus objetivos de vida.

Tabela 1

Análise de conteúdo das respostas obtidas no que respeita aos objetivos de vida.

Quais são os seus objetivos, quando terminar os estudos? Isto é, o que gostaria de fazer depois de terminar os estudos?				
Categoria	Exemplo de resposta	H	M	Frequências
Estudar (C1)	<i>"Continuar os estudos na minha área" (J.118)</i>	4	4	8
	<i>"Ir para a universidade tirar um curso de música" (J.88)</i>			
	<i>"Licenciar-se em educação de infância" (J.64)</i>			
Estudar e Trabalhar (C2)	<i>"Depois de terminar os estudos gostaria de ser psicóloga" (J.31)</i>	6	5	11
	<i>"Depois dos estudos vou procurar trabalho" (J.35)</i>			
	<i>"Trabalhar em part-time e seguir estudos" (J.124)</i>			
Trabalhar (C3)	<i>"Ir trabalhar" (J.34)</i>	56	44	100
	<i>"Ser jogador de futebol" (J.46)</i>			
	<i>"Ser atriz e professora de teatro" (J.63)</i>			
Estabilidade familiar, profissional e financeira (C4)	<i>"Ganhar dinheiro" (J. 101)</i>	3	3	6
	<i>"Gostaria de casar, ter uma vida normal e seguir os conselhos dos meus pais" (J.60)</i>			
	<i>"Arranjar um trabalho bom" (J.100)</i>			
Ausência de objetivos (C5)	<i>"Não sei" (J.12)</i>	6	2	8
	<i>"Ainda não sei" (J.28)</i>			
	<i>"Ainda não tenho nada de concreto em mente" (J.18)</i>			
Diversidade de objetivos (C6)	<i>"Fazer um estágio profissional, depois do estágio mandar currículos e trabalhar numa associação com jovens e crianças em risco. Comprar casa e carro (BMW) e fazer voluntariado 3 meses em africa e para além disto tudo ser uma mulher de negócios e ser bem-sucedida na sociedade" (J.16)</i>	0	1	1

Através da tabela 1 é possível verificar que foram criadas 6 categorias de objetivos. A categoria Estudar inclui respostas que indicam o desejo de continuar os estudos, tirar um curso e ingressar na faculdade; Estudar e Trabalhar engloba o desejo de terminar os estudos e trabalhar numa área específica ou não, no mundo laboral; Trabalhar, abrange respostas ligadas ao trabalho numa área específica ou não, no próprio país ou no estrangeiro; Estabilidade familiar, profissional e financeira, abarca respostas que indicam o desejo de constituir família, casar ou ter filhos, ter um emprego e sustentabilidade económica; Ausência de objetivos é uma categoria que indica descomprometimento e um adiar no que respeita ao estabelecimento de objetivos; Diversidade de objetivos, resposta abrangente que inclui uma diversidade de objetivos como estagiar, trabalhar com crianças, ter casa e carro, fazer voluntariado e ter sucesso a nível profissional.

Quanto ao tipo de objetivos evidenciados pelos participantes verifica-se que a maior parte da amostra (74,6%) apresentam respostas que indicam o desejo de trabalhar numa área específica ou não, no próprio país ou no estrangeiro. Verifica-se que as restantes respostas apresentam uma frequência relativamente baixa. A categoria Estudar e Trabalhar, inclui respostas que indicam o desejo de terminar os estudos e trabalhar numa área específica ou não, no mundo laboral obtendo o total de 8,2% das respostas. Na mesma percentagem de respostas, 6,0%, os participantes distribuem-se na categoria Estudar - desejo de continuar os estudos, tirar um curso e ingressar na faculdade – e na Ausência de objetivos, onde se verifica descomprometimento e um adiar no que respeita ao estabelecimento de objetivos. Respetivamente à categoria Estabilidade familiar, profissional e financeira, foram 4,5% dos participantes que mencionaram o desejo de constituir família, casar ou ter filhos, ter um emprego e sustentabilidade económica. A percentagem mais baixa, 0,7%, diz respeito à única resposta que engloba diversos objetivos, contrastando com a restante amostra caracterizada por respostas curtas e com poucos objetivos, sendo uma resposta abrangente que envolve uma diversidade de objetivos como estagiar, trabalhar com crianças, ter casa e carro, fazer voluntariado e ter sucesso a nível profissional.

Fazendo referência à teoria da autodeterminação, é possível examinar as categorias acima referidas tendo em conta teoria embora utilizando partes de respostas, havendo desta forma (10,4%) de respostas ligadas a objetivos intrínsecos (Afiliação, Sentido de comunidade, Aptidão física, Autoaceitação), que servem para satisfazer necessidades básicas e psicologicamente inerentes ao indivíduo, e (83,6%) de respostas ligadas a objetivos mais extrínsecos (Sucesso financeiro, Reconhecimento social e Imagem apelativa), os quais dependem das reações contingentes dos outros, aprovação externa e recompensas. A categoria

Ausência de objetivos, nesta linha de pensamento, fica excluída. Uma vez que nem todas as respostas podem ser categorizadas e que em alguns casos só se pode utilizar parte da resposta para a inserir num tipo de objetivos desta teoria, decidiu-se não seguir tanto pela análise dos objetivos segundo esta teoria, mas sim aprofundar a análise de conteúdo e tirar conclusões a partir daí. Após a comparação das frequências entre rapazes e raparigas no que toca às categorias dos objetivos, não foram encontradas diferenças significativas entre ambos, $X^2(5) = 2,658, p = 0.752$

3.2 A segunda etapa dos resultados consiste na análise dos valores de vida, tendo em conta as suas subescalas.

Tabela 2

Análise das subescalas dos valores de vida em rapazes e raparigas, e na amostra total.

Subescalas de valores	Mínimo	Máximo	Rapazes		Raparigas		Total	
			M	DP	M	DP	M	DP
Experimentação	1	7	4,978	1,0364	4,751	1,1980	4,880	1,1109
Realização	1	7	4,983	1,1080	4,723	1,0706	4,870	1,0956
Interação	1	7	5,260	1,0904	5,119	1,2062	5,199	1,1399
Normativa	1	7	4,883	1,2197	4,508	1,2323	4,721	1,2348
Existência	1	7	5,801	1,1751	5,757	1,3769	5,782	1,2619
Suprapessoal	1	7	5,260	1,2219	5,356	1,1823	5,301	1,2014

No que respeita à análise dos valores de vida, estes foram agrupados em seis subescalas presentes na tabela acima descrita. Através da média total da amostra, verifica-se que os participantes pontuaram de forma elevada nas várias subescalas, acima do ponto médio (3,5) atribuindo desta forma grande importância aos valores nas suas vidas. Os valores superiores apresentam-se nas subescalas Existência (M=5,8; DP=1,26), Suprapessoal (M=5,3; DP=1,20), e Interação (M=5,2; DP=1,14), enquanto valores inferiores verificam-se nas subescalas Experimentação (M=4,9; DP=1,11), Realização (M=4,9; DP=1,10) e Normativa (M=4,7; DP=1,23). No que toca a diferenças entre rapazes e raparigas, a realização de um teste T de amostras independentes, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas na generalidade das subescalas de valores, Experimentação $t(114,785) = -1,160, p = 0,248$; Realização $t(126,993) = -1,380, p = 0,170$; Interação $t(118,049) = -0,705, p = 0,482$; Existência $t(113,762) = -0,196, p = 0,845$; Suprapessoal $t(126,910) = 0,463, p = 0,644$, à exceção da escala Normativa $t(124,302) = -1,765, p = 0,080$, onde se verificaram diferenças

marginalmente significativas com os rapazes a pontuarem mais elevado nestes valores do que as raparigas.

3.3 A última etapa dos resultados diz respeito à análise dos objetivos e valores de vida.

Tabela 3

Análise dos valores médios das subescalas dos valores de vida em cada categoria de objetivos na amostra do estudo.

	Categorias dos objetivos											
	C1		C2		C3		C4		C5		C6	
Subescalas de valores	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Experimentação	5,125	1,140	4,909	0,932	4,913	1,143	4,333	1,135	4,792	0,974	4,667	.
Realização	4,458	1,140	5,182	0,970	4,937	1,081	4,111	0,583	4,792	1,308	6,333	.
Interação	4,875	1,552	5,667	1,054	5,203	1,117	5,722	0,742	4,792	1,308	4,333	.
Normativa	4,417	1,065	5,273	1,009	4,737	1,268	5,389	0,879	3,750	0,904	4,667	.
Existência	5,208	1,967	6,061	1,062	5,813	1,246	6,389	0,712	5,167	1,181	6,333	.
Suprapessoal	5,417	0,830	5,848	0,898	5,253	1,244	5,556	1,186	5,125	1,246	6,333	.

Nota: C1: Estudar, C2: Estudar e Trabalhar, C3: Trabalhar, C4: Estabilidade Pessoal, Familiar e Económica, C5: Ausência de objetivos, C6: Diversidade de objetivos.

A tabela 3 diz respeito à média e ao desvio padrão das subescalas relativas aos valores de vida, em cada uma das categorias de objetivos identificados na análise de conteúdo das respostas dos jovens. Os sujeitos que mencionam ter como objetivo continuar a estudar possuem valores centrais e pessoais, maioritariamente com tipo de orientação humanitário (Suprapessoal, Existência e Experimentação). Ter o objetivo de estudar e trabalhar refere-se a sujeitos que comportam valores centrais e sociais, maioritariamente com o tipo de orientação humanitário (Existência, Suprapessoal e Interação), os mesmos valores dos jovens cujo objetivo é trabalhar, o objetivo com maior percentagem de respostas na amostra (74,6%), e possuir estabilidade familiar, profissional e financeira. Os jovens que não referem qualquer tipo de objetivo mostram pontuação elevada em todas as subescalas, com exceção da subescala Normativa, que inclui valores como obediência, religiosidade e tradição. Por fim, o único elemento da amostra que refere uma diversidade de objetivos na sua resposta pontua de forma elevada na subescala Realização, englobando os valores poder, prestígio e êxito.

4. Discussão e Conclusão

Este ponto dedica-se à discussão dos resultados referentes aos objetivos e aos valores de vida, assim como à discussão, apresentação de limitações e sugestões para futuros estudos.

No que toca aos objetivos de vida, os resultados evidenciam uma forte ênfase no mundo do trabalho (74,6%). Isto significa que estes jovens estão muito focados nas questões do trabalho, de terminar os estudos e exercer uma profissão, seja ela específica “jogador de futebol” ou não específica “arranjar trabalho”. Apenas 6% da amostra revelam descomprometimento e um adiar no que diz respeito ao estabelecimento de objetivos, com respostas como “Ainda não tenho nada de concreto em mente”, demonstrando que grande parte dos jovens sabe o que pretende fazer quando terminar os estudos, embora não explore mais alternativas, referindo um, dois ou três objetivos. No mesmo sentido, somente um elemento da amostra, mulher, refere na sua resposta uma diversidade de objetivos para a sua vida, em contraste com a restante amostra que menciona poucos objetivos nas suas respostas. Isto corrobora os resultados do estudo de Henriques (2008) que analisou diferenças nos objetivos de vida de jovens não institucionalizados e jovens institucionalizados verificando que estes últimos se encontraram próximos da perda de interesse pela vida, da apatia e do vazio existencial, revelando objetivos de vida reduzidos. É possível com isto perceber que a ausência de pessoas significativas que sirvam de modelos para estes jovens, e a falta de recursos humanos que possam acompanhar de forma mais próxima os jovens na instituição, reflita a pouca estimulação que existe no que toca à construção de objetivos.

Ao nível dos valores é possível observar que, quanto ao tipo de orientação, os participantes priorizam valores centrais, sendo estes a fonte principal da organização dos restantes valores. Quanto ao tipo de motivador, salienta-se na amostra o tipo humanitário, que reflete valores não necessariamente dirigidos a metas concretas, podendo estas não ser específicas. Entre as três subfunções com pontuação mais elevada, encontra-se a Existência, cujos valores Saúde, Estabilidade Pessoal e Sobrevivência predominam nos indivíduos em contextos de carência econômica ou que cresceram em tal ambiente, como é o caso da população deste estudo (Gouveia, 2009). A subfunção Suprapessoal, que engloba os valores Beleza, Conhecimento e Maturidade, surge em sujeitos que pensam de forma mais ampla, que tomam decisões e comportam-se tendo em conta critérios universais (Gouveia, 2009). Esta ideia é compatível com a amostra deste estudo, uma vez que grande parte dos sujeitos apresentou objetivos para a sua vida, embora não os especifica-se, mostrando esta visão ampla da subfunção supra referida. Por fim, a subfunção Interação, integra os valores Afetividade, Convivência e Apoio Social. Estes são importantes para estabelecer e manter relações interpessoais, enfatizando o

lado afetivo, representando assim as necessidades de amor, pertença e afiliação. A entrada para a instituição destes jovens implica mudanças na sua rede de apoio social e afetivo (Siqueira, Dalbosco, & Aglio, 2006), continuando ligados muitas vezes à família, ao mesmo tempo que vão criando novas relações com os elementos do lar que os acolhe. No estudo dos autores acima referidos, os resultados indicam que a principal fonte de apoio valorizada pelos jovens em lares são os adultos, especificamente os familiares e os técnicos dos lares. A importância atribuída pelos participantes a esta subfunção relaciona-se com a necessidade de encontrar fora do ambiente familiar, muitas vezes de risco, pessoas com as quais possam ter uma relação saudável. Em suma, é posto em evidência que os jovens que vivem em lares de infância e juventude revelam objetivos focados no mundo do trabalho, assim como priorizam valores centrais e sociais como guias do seu comportamento.

Apesar dos ganhos obtidos com este estudo é também importante refletir acerca de algumas possíveis limitações do mesmo como a falta de adesão por parte dos lares que contribuiu para um número relativamente reduzido de participantes. Uma maior participação dos lares e um maior equilíbrio de sujeitos pelas diferentes zonas geográficas levaria a resultados mais fidedignos e representativos da população em estudo. Outra limitação prende-se com o facto da administração do protocolo, onde se avaliaram as duas variáveis consideradas neste estudo, ter sido um pouco extensa, provocando nos jovens algum cansaço e falta de concentração quanto ao seu preenchimento. Desta forma, este estudo mostra que é pertinente alargar o mesmo a um número maior de lares, para que haja um maior conhecimento ao nível dos objetivos destes jovens. Assim, seria possível atender às necessidades dos mesmos, criando um espaço onde pudessem refletir e aprofundar um número maior de alternativas quanto ao seu futuro, uma vez que mostram ter um leque de objetivos muito restrito.

Ao nível da intervenção, através da implementação de programas de desenvolvimento vocacional inspirados na perspetiva da Educação para a Carreira, os jovens poderiam refletir sobre os vários papéis de vida que podem vir a tomar, assim como alternativas a nível profissional e alargar os seus objetivos a outros sectores da sua vida. Segundo Taveira (2005), é importante estimular a exploração do mundo do trabalho, do *self*, e do desempenho de papéis de vida, com o objetivo de criar condições favoráveis para uma tomada de decisão vocacional realista. Outra proposta de intervenção seria a dinamização de espaços de formação ou ocupação, dentro ou fora da instituição, de forma a fomentar e fortalecer a criatividade e a exploração, fornecendo aos jovens informação sobre alternativas para o futuro. Segundo o estudo de Hudson (2013), o aconselhamento da carreira tem um preço acessível, é uma intervenção viável e não requer uma grande quantidade de recursos. Para tal

investimento mínimo, existe um potencial de grande retorno, como a capacidade de motivar e preparar os jovens que vivem em lares para o ensino profissional ou ensino superior. As oportunidades de aprendizagem a partir de um mentor da carreira, podem ser cruciais para a prevenção de comportamentos psicossociais negativos em jovens que vivem em lar, melhorando a sua qualidade de vida. A consulta psicológica vocacional seria outra medida que poderia ser implementada com estes jovens, uma vez que existem estudos que comprovam a produção de efeitos positivos da mesma (Taveira, Cunha & Faria, 2009). A implementação de programas de intervenção vocacional seria uma alternativa, uma vez que existem estudos que comprovam a sua eficácia ao nível exploração, do aumento da informação profissional e diminuição das dificuldades no que toca à tomada de decisão (Königstedt & Taveira, 2010).

Este estudo serve de mote para muitos outros estudos, onde poderiam ser avaliadas dimensões diferentes nesta população específica, como os objetivos e a idade, os objetivos e o rendimento académico ou avaliar se por ventura existem ou não diferenças ao nível dos valores, em jovens institucionalizados e não institucionalizados.

Referências Bibliográficas

- Ahrens, K. R., Dubois, D. L., Garrison, M., Spencer, R., Richardson, L. P., & Lozano, P. (2011). Qualitative exploration of relationships with important non-parental adults in the lives of youth in foster care. *Children and youth services review*, 33 (6), 1012–1023. doi:10.1016/j.chidyouth.2011.01.006
- Antunes, M. (2011). *Factores de risco e de protecção associados à resiliência: estudo comparativo entre adolescentes que vivem com a família e adolescentes acolhidos em lar de infância e juventude*. Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Amado, J. S. (2000). A Técnica de Análise de Conteúdo. *Revista Referência*, 5, 53-63.
- Bandura, A. (1989). Social cognitive theory. In Ross, V (Eds). *Annals of child development. Six theories of child development* (pp. 1-60). Greenwich: Jessica Kingsley Pub.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, W. R. G., Farias, E. S., & Junior, G. G. (2007). A idade da menarca está diminuindo? *Revista Paulista de Pediatria*, 25 (1), 76-81.
- Cruz, O., & Lima, I. A. (2012). Qualidade do ambiente familiar - preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Revista AMAzônica*, 8 (1), 246-265.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 49 (3), 182-185. doi:10.1037/a0012801.
- Emmons, R. A. (1999). *The psychology of ultimate concerns: Motivation and spirituality in personality*. New York: Guilford Press. In Eryilmaz, A. (2011). Satisfaction of needs and determining of life goals : a model of subjective well-being for adolescents in high school. *Educational Sciences: Theory & Practise*, 11 (4), 1757-1764.
- Fernandes, M. A., & Silva, M. G. (1996). *Lar para Crianças e Jovens – Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.
- Geldard, K. (2009). *Practical Interventions for Young People at Risk*. University of the Sunshine Coast: SAGE Publications.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 431-443. doi:dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300010

- Gouveia, V. V., Meira, M., Gusmão, E. E. S., Filho, M. L. S., & Souza, L.E.C. (2008). Valores humanos e interesses vocacionais: um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13 (3), 603-611. Maringá. doi: 10.1590/S1413-73722008000300022
- Gouveia, V. V. (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: aplicações para organizações. *Revista de administração mackenzie*, 10 (2), 34-59. São Paulo.
- Gouveia, V. V., Sousa, D. M. F., Fonseca, P. N., Gouveia, R. S. V., Gomes, A. I. A. S. B., & Araújo, R. D. C. R. (2010). Valores, metas de realização e desempenho acadêmico: proposta de modelo explicativo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (2), 323-331. doi:10.1590/S1413-85572010000200014
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R., & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *PSICO*, 42 (1), 106-115. Porto Alegre.
- Henriques, S. (2008). *Os objetivos de vida de adolescentes institucionalizados e não institucionalizados*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Hudson, A. L. (2013). Career mentoring needs of youths in foster care: voices for change. *Journal of child and adolescent psychiatric nursing: official publication of the Association of Child and Adolescent Psychiatric Nurses, Inc*, 26 (2), 131-7. doi:10.1111/jcap.12032
- Instituto de Segurança Social. (2010). Plano de Intervenção Imediata - Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento em 2009. Lisboa, Instituto de Segurança Social, I.P. <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=xsCRqWzcVyQ%3D&tabid=316&language=pt-PT> (Acedido a 15- 01 -2013).
- Kasser, T., & Ryan, R. M. (1993). A Dark Side of the American Dream: Correlates of Financial Success as a Central Life Aspiration. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (2), 410-422. doi: 10.1037//0022-3514.65.2.410
- Kasser, T., & Ryan, R. M. (1996). Further Examining the American Dream: Differential Correlates of Intrinsic and Extrinsic Goals. *Journal of Personality ans Social Psychology*, 65 (2), 280-287.
- Kools, S. (2007). Self-protection in adolescents in foster care. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 12 (4), 139–152.
- Königstedt, M., & Taveira, C. (2010). Adolescents career exploration : evaluation of an intervention. *Paidéia*, 20 (47), 303-312.

- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Toward a Unifying Social Cognitive Theory of Career and Academic Interest, Choice, and Performance. *Journal of vocational behavior*, 45, 79-122. doi:10.1006/jvbe.1994.1027
- Marques, C., Silva, A.D., Taveira, M.C., Silva, Mota, A., & Gouveia, V. (2012). Basic Values Survey: results of a confirmatory factor analysis with portuguese youths living in foster care institutions. Comunicação apresentada no “Hong Kong International conference on education, Psychology and society”. Hong Kong, China 14 a 16 de Dezembro.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Massey, E. K., Gebhardt, W. A., & Garnefski, N. (2008). Adolescent goal content and pursuit: A review of the literature from the past 16 years. *Developmental Review*, 28, 421-460.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria funcionalista dos valores humanos: testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Mestrado não publicada. Brasil: Universidade Federal da Paraíba.
- Meese, R. L. (2010). *Family matters: adoption and foster care in children's literature*. California: ABC-CLIO, LLC.
- Morris, C. W. (1956). *Varieties of human value*. Chicago: University of Chicago Press.
- Oliveira, J. H. B. (2004). Sentido da (para a) vida. In J. H. B. Oliveira (Eds.) *Psicologia positiva*, (pp.159-166). Porto: Edições Asa.
- Pacheco, P. (2010). *Lares de infância e juventude: contributos para um modelo de acolhimento e integração social*. Tese de Mestrado não publicada. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Pinto, R. J., & Maia, Â. C. (2013). Psychopathology, physical complaints and health risk behaviors among youths who were victims of childhood maltreatment: A comparison between home and institutional interventions. *Children and Youth Services Review*, 35 (4), 603-610. doi:10.1016/j.childyouth.2013.01.008
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schmuck, P., Kasser, T. I. M., & Ryan, R. M. (1999). Intrinsic and extrinsic goals: their structure and relationship to well-being in german and u.s. college students. *Social Indicators Research*, 50, 225-241. doi: 10.1023/A:1007084005278
- Schwartz, S. H. (1999). A Theory of Cultural Values and Some Implications for Work. *Applied psychology: an international review*, 48 (1), 23-47.
- Silva, A. D., & Taveira, M. C. (2011). Protocolo de avaliação de percursos de carreira de jovens em lares – PAPCJL (versão para investigação).

- Smith, W. B. (2011). *Youth leaving foster care: a developmental, relationship-based approach to practice*. New York: Oxford University Press.
- Siqueira, A. C., Dalbosco, D., & Aglio, D. (2006). A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 40 (2), 149-158.
- Real, V. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. *Análise Psicológica*, 2, 245–254.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Taveira, M. C. (2005). Comportamento e desenvolvimento vocacional na adolescência. In M. C. Taveira (Eds.) *Psicologia escolar: Uma proposta científico-pedagógica* (pp. 143-177). Coimbra: Quarteto.
- Taveira, M. C., Cunha, C. S. B., & Faria, L. C. (2009). Efeito da Intervenção Psicológica Vocacional na Indecisão e Comportamento Exploratório. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29 (3), 558-573.
- Thomas, W. I., & Znaniecki, F. (1918). *The Polish Peasant in Europe and America*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Vansteenkiste, M., Simons, J., Lens, W., Sheldon, K. M., & Deci, E. L. (2004). Motivating learning, performance, and persistence: the synergistic effects of intrinsic goal contents and autonomy-supportive contexts. *Journal of personality and social psychology*, 87 (2), 246-60. doi:10.1037/0022-3514.87.2.246
- Wentzel, K. R. (2002). Are effective teachers like good parents? Teaching styles and student adjustment in early adolescence. *Child development*, 73 (1), 287-301.